



**CAMPUS III – GUARABIRA – PB
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

O JOGO DE FAZ DE CONTA E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JEYSE GUEDES DA SILVA

GUARABIRA - PB
2011

JEYSE GUEDES DA SILVA

**O JOGO DE FAZ DE CONTA E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Vanusa Valério dos Santos.

GUARABIRA – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586j	Silva, Jeyse Guedes da
	O jogo de faz de conta e a formação da criança na educação infantil / Jeyse Guedes da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011.
	25f.
	Monografia - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.
	“Orientação Prof. Esp. Vanusa Valério dos Santos.”
	1. Jogos - Brincadeiras 2. Desenvolvimento Infantil 3. Educação Infantil I.Título.
	22.ed. CDD 372.5

JEYSE GUEDES DA SILVA

O JOGO SIMBÓLICO E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 22.06.2011

Prof.^a Esp. Vanusa Valério dos Santos/ UEPB
(Orientadora)

Prof. Ms.^a Rosângela de Araujo Medeiros/ UEPB
(Examinadora)

Prof.^a Ms.^a Edinalva Maria da Silva/ UEPB
(Examinadora)

GUARABIRA- PB
2011

O JOGO DE FAZ DE CONTA E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SILVA, Jeyse Guedes¹

RESUMO

O referido texto apresenta reflexões sobre a importância do jogo de faz de conta para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, nos aspectos (lingüístico, motor, afetivo, social, cognitivo e psíquico). Logo busca analisar teoricamente as práticas que fundamentam a ação pedagógica dos profissionais desse segmento. Objetiva reforçar a importância de garantir espaço e tempo, de forma planejada e organizada para a criança vivenciar os jogos simbólicos. No primeiro momento caminharemos pela história da educação infantil, enfocando a pouca importância concedida à criança, que não representava um papel importante na sociedade. No segundo momento, faremos um resgate das leis que respaldam a educação infantil, assim como: LDB/9394-96; as Diretrizes Curriculares Nacionais e os Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. No terceiro momento, discutiremos o jogo de faz de conta e as fases de desenvolvimento da criança de 2 a 5 anos, recorrendo aos fundamentos de: Piaget, Vigotsky e Wallon. O quarto momento será dedicado as contribuições do jogo simbólico para o desenvolvimento infantil, buscando embasamento em Huizinga, Mrech, Dias, Smith e Bomtempo. Para realização desta pesquisa utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, que compreende pesquisar em livros, dissertações, teses, e artigos de revistas especializadas a cerca do tema abordado. Como resultado desta pesquisa, revelou-se que os educadores podem até saber da importância do brincar para as crianças, mas a sua formação não os torna competentes o suficiente, no sentido de contemplar na sua prática pedagógica atividades que garantam o lúdico nos espaços de educação infantil.

Palavras chave: Jogo. Brincadeira. Infantil. Desenvolvimento.

¹ Concluinte do curso de Pedagogia, UEPB. jeyseguedes@hotmail.com

1.INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da necessidade e importância de discutir a utilização das brincadeiras imaginativas na prática da educação infantil, buscando referências teóricas que fundamentem a ação dos professores no sentido de garantir espaço e tempo, de forma planejada e organizada para a criança vivenciar seu faz de conta.

Neste sentido, o referido trabalho tem sua relevância ao passo que apresenta uma análise teórica, dando ênfase às contribuições das brincadeiras para o processo de desenvolvimento da criança. Outrossim, enfatiza a necessidade dos jogos de imaginação não serem vistos apenas como uma brincadeira em que pode parecer vazios de significados, mas que são de suma seriedade para o desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Sendo assim, se considerarmos uma criança que brinca de casinha, ou imita seus pais (pode ser a professora), ou imagina estar empenhada em uma grande batalha, ou ainda transforma uma lata de sardinha em um carrinho ou em um cachorro é uma maneira que a criança encontra, através de sua imaginação de recriar o mundo a sua volta, internalizando dessa forma suas vivências. Nesse sentido, Friedman (1996) aponta que, muitas vezes, a criança não tem local adequado para brincar em sua casa e nem brinquedos ou objetos variados que possam estimular sua imaginação, assim, a escola deve garantir este direito infantil, que é o brincar e o acesso ao mundo da fantasia.

Sem dúvida é inegável que os espaços de educação infantil devam priorizar na sua rotina pedagógica propostas de atividades que contemplem o brincar. Da mesma forma que a ação do educador deve estimular a brincadeira, alimentando o imaginário da criança. Tendo em vista que, a utilização dos jogos e brincadeiras em sala de aula deixa uma contribuição significativa na formação de atitude social da criança. Neste sentido, a brincadeira imaginativa promove situações de aprendizagens que ampliam capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas.

Em suma, este trabalho traz no seu bojo diferentes momentos teóricos-reflexivos que será discutido no decorrer do mesmo. No primeiro, caminharemos pela história da Educação infantil, para assim descrever como a criança e a educação infantil foram percebidas em diferentes momentos de nossa história. Logo será destacado os avanços e mudanças ocorridos até os dias atuais. Em seguida,

apresentaremos um breve histórico sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-9394/96) e suas contribuições para educação infantil. Abordaremos os artigos 29, 30 e 31 que asseguram o direito da criança à educação infantil como primeira etapa da educação básica. Na seqüência faz-se uma explanação dos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006). Este documento deve servir como instrumento para a adoção das medidas de melhorias nos parâmetros de qualidades para o atendimento a criança. Na subsequência será discutido as contribuições das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Para finalizar as reflexões hora apresentadas será tratado do aporte que o jogo de faz de conta traz para o desenvolvimento infantil. Nesse sentido discutiremos também como as brincadeiras imaginativas influenciam positivamente a criança na faixa etária de 2 a 7 anos.

A título de conclusão, afirmamos que as brincadeiras de faz de conta trazem relevantes contribuições para o desenvolvimento infantil, quando bem trabalhadas pelo adulto, juntamente com a criança.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

Aqui será dedicado ao referencial teórico que também pode ser chamado de revisão de literatura, pressupostos teóricos, marco teórico, etc. Esta etapa da pesquisa é importante, porque apresenta uma breve discussão teórica do problema, na perspectiva de fundamentá-lo nas teorias existentes. A fundamentação teórica hora encetada deve, ainda, servir de base para a análise e interpretação da pesquisa. Esta deve, necessariamente, ser analisada e interpretada à luz das teorias existentes.

Segundo Prando e Mathias (2011) o Referencial Teórico nada mais é que uma “revisão da literatura com vistas a fundamentar e contextualizar o tema, o problema de pesquisa e os objetivos a serem trabalhados”.

2.1 CAMINHANDO PELA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A infância é o período do crescimento do ser humano, é a idade das brincadeiras, satisfazendo seus interesses e desejos de natureza singular. Como aponta Wallon (2007, p. 9) “Para a criança, só é possível viver sua infância. Conhecê-la compete ao adulto”.

Nas sociedades antigas, o lugar ocupado pela criança era nulo, a criança dentre varias concepções era posta como um adulto em miniatura. Por outro lado, na família a criança tinha uma significativa importância, pois para os pais a mesma era como uma espécie de sucessão parental.

No Brasil, e em outros países o atendimento a infância era caracterizado pelo abandono, pobreza, caridade e marcada pelo assistencialismo destas crianças pobres. Por este motivo, que as creches não pertenciam a educação básica, pois serviam apenas como locais onde as crianças eram postas e apoiadas por instituição beneficentes a exemplo, das igrejas. A infância não era considerada naquela época como um período de desenvolvimento da criança. Neste sentido, para o adulto a criança era apenas um ser que deveria ser preparado (a) apenas para a sua vida adulta, sem sentimentos, nem vontades, como se fosse uma página em branco. Logo de acordo com a citação abaixo, Wallon afirma que:

É o mundo dos adultos que o meio lhe impõe e disso decorre, em cada época, certa uniformidade de formação mental. Mas nem por isso o adulto tem o direito de só conhecer na criança o que põe nela. E, em primeiro lugar, a maneira com que a criança assimila o que é posto nela pode não ter nenhuma semelhança com a maneira como o próprio adulto o utiliza. Se o adulto vai mais longe que a criança, a criança, à sua maneira, vai mais longe que o adulto. (WALLON, 2007, p. 13)

Sendo assim, com o Regime Militar (de 1964 a 1985), a educação brasileira sofreu numerosos danos, e veio ter uma ascensão com a implantação da Constituição Federal de 1988. Esta possibilitou maior democratização aos serviços básicos de educação. Um pouco depois veio a importante Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB-9394/1996) que estabelece ser a educação infantil a primeira etapa da educação básica, complementando dessa forma a ação da família e da comunidade. Dessa forma a citação abaixo explicita que:

De lá até meados da década de 1970, as instituições de educação infantil viveram um lento processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional. (KUHLMANN Jr, 2000, p. 8)

A partir da breve contextualização, pode-se constatar que as crianças passaram a ser vistas com um outro olhar, ou seja, as mesmas passam a ser respeitadas como cidadão de direitos.

Neste sentido, a educação infantil passa a ser concebida e reconhecida como parte integrante da educação básica, sendo regulamentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96). Assim, em seu art. 2º, fica assegurado que a família passa a ser parceira do Estado, no que diz respeito a responsabilidade de cuidar e educar. Fato este que pode ser constatado na citação abaixo.

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p.1).

Os primeiros jardins de infância no Brasil surgiram com influência de Friedrich Froebel, pedagogo alemão, por volta do século XIX, com a finalidade essencialmente pedagógica, com o modelo que privilegiava o cuidar em detrimento do educar. Valorizava também a atividade lúdica e as brincadeiras. Notadamente hoje, através dos projetos de políticas públicas a criança, infância e a educação infantil são vistas de outro modo.

A pré-escola é a porta de entrada para o convívio com outras crianças, é por lá que todas as crianças devem passar antes de enfrentar as séries seguintes, do ensino fundamental.

É na educação infantil que a criança começará a vivenciar um novo ciclo de experiência com o mundo social, aprenderá a conviver em coletividade, fará amigos e com isso respeitará as diferenças de cada indivíduo. Além disso, passam a adquirir hábitos e aprendizagens de modo que possam desenvolver gradativamente habilidades e autonomia pessoal. Neste sentido, a capacidade de brincar possibilita as crianças um espaço para que possam resolver problemas de forma autônoma,

aprender e se desenvolver. Assim, os Parâmetros de qualidade para educação infantil afirmam que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos, cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (PARÂMETROS, 1998, p. 22).

Diante do panorama ora exposto, percebe-se que a educação de um modo geral vem progredindo, e mais especificamente a infantil. No entanto, o que desponta na atualidade como o grande entrave enfrentado pela educação infantil é a pouca qualificação dos seus profissionais. Contudo, é preocupante a atuação dos mesmos, visto que é neste período, onde a criança desenvolve suas habilidades para a vida.

2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL NA LDB

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, vem reafirmar o direito a educação destinada a criança, garantido pela Constituição Federal de 1988 e com ela a inserção da Educação Infantil na Educação Básica representa um novo olhar no sistema escolar brasileiro, passando a agregar a Educação Nacional. É o que podemos constatar nos artigos da LDB (BRASIL, 1996, p.12), citados abaixo:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Tendo em vista o que afirma a LDB-96, a educação infantil, passa a ser a primeira etapa da educação básica, logo sua finalidade é o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando assim a ação da família e da comunidade (LDB, 1996).

Sendo assim, a criança passa a ter seus direitos respeitados, considerando que a função de educar sobrepõe a concepção assistencialista.

2.3 PARÂMETROS NACIONAIS DE QUALIDADE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil é um documento que deve servir como instrumento para a adoção das medidas de melhorias no atendimento à criança.

O mesmo tem o objetivo de:

[...] propiciar o cumprimento do preceito constitucional da descentralização administrativa e de cumprir a meta do MEC que preconiza a construção coletiva das políticas públicas para a educação, este documento foi elaborado com a contribuição efetiva e competente de secretários, conselheiros, técnicos, especialistas, professores e outros profissionais (PARÂMETROS, 2006, p.3).

O referido material vem ressaltar a necessidade dos sistemas educativos que efetivam as políticas pública de educação infantil adequar-se a padrões de qualidade nacionalmente indicados como referência. Nesse sentido, é visível o reconhecimento em oferecer uma Educação Infantil de boa qualidade, pois ela é o alicerce de toda formação da criança na primeira infância. Sendo assim, é imprescindível que os educadores tenham consciência da seriedade em garantir espaços e condições para que as crianças possam interagir no meio social, desenvolvendo sua identidade autonomia e a socialização. Nesta perspectiva os Parâmetros apontam que:

Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidade interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade. Essa afirmativa é

considerada válida para todas as crianças, independentemente de sua origem social, pertinência étnico-racial, credo político ou religioso, desde que nascem. (PARÂMETROS, p. 15).

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006), contemplam aspectos que proporcionam incentivos e condições para as crianças ampliarem seu repertório no âmbito social, assim como: brincar; movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre; expressar sentimentos e pensamentos; desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão; ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo da natureza e da cultura apoiadas por estratégias pedagógicas apropriadas; diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil.

Conforme o referido documento o brincar é uma atividade considerada necessária para o processo de aprendizagem infantil. Por outro lado, é interessante que o educador proponha atividades de maneira planejada para que o brincar aconteça, aguçando o imaginário infantil e assim tornar o ato de aprender mais prazeroso.

2.4 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

As Diretrizes para a Educação infantil, disposta no art. 9º § 1º, alínea “c”, na Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, no termos da LDB, vem respaldar a educação infantil, como primeira etapa da Educação Básica (creches e pré-escolas de 0 a 5 anos). Esse documento tem o objetivo de orientar e de organizar os sistemas que atendem a Educação Infantil.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais constituem-se:

[...] na doutrina sobre Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica, definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as Instituições de Educação Infantil dos Sistemas Brasileiros de Ensino, na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas (DIRETRIZES, 1995, p. 01).

Como foi apontado na citação acima, a educação infantil vem ganhando espaço e respeito na sociedade. Atualmente é vista como a base do desenvolvimento infantil, mas nem sempre foi assim. O fato é que estes avanços são reflexos de muitas lutas travadas por profissionais da educação e adeptos, buscando implementar políticas educacionais para esta área.

De acordo com a Resolução, (2010, p. 31)

Seus sujeitos situam-se na faixa etária que compreende o ciclo de desenvolvimento e de aprendizagem dotada de condições específicas, que são singulares a cada tipo de atendimento, com exigências próprias.

Desta maneira, cada criança compreende um período de desenvolvimento e de aprendizagem, com expressivas individualidades e que compreende atendimento diferenciado, pois cada indivíduo resulta de um contexto social diferente, com costumes e vida social incomum.

De acordo com os apontamentos da Resolução nº 4, (2010, p. 32):

Deve-se entender, portanto, que, para as crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, independentemente das diferentes condições físicas, sensoriais, mentais, lingüísticas, étnico-raciais, socioeconômicas, de origem, religiosas, entre outras, no espaço escolar, as relações sociais e intersubjetivas requerem a atenção intensiva dos profissionais da educação, durante o tempo e o momento de desenvolvimento das atividades que lhes são peculiares: este é o tempo em que a curiosidade deve ser estimulada, a partir da brincadeira orientada pelos profissionais da educação. Os vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social, devem iniciar-se na Pré-Escola e sua intensificação deve ocorrer ao longo do Ensino Fundamental, etapa em que se prolonga a infância e se inicia a adolescência.

É imprescindível que na educação infantil, as atividades propostas sejam organizadas de forma prazerosa, respeitando as dificuldades e necessidades de cada criança. Assim o trabalho que priorize a ludicidade nas atividades propostas, devem fazer parte de todo o processo dos espaços de educação infantil. Neste sentido, é interessante que o educador, nas creches que recebem crianças de (0 a 3

anos) e nas pré-escolas com crianças de (4 a 5 anos) oportunize o seu pleno desenvolvimento.

Os espaços de educação infantil têm como função social ampliar as experiências e os conhecimentos dos pequenos, mas para isso faz-se necessário que o educador disponha de competência para trabalhar na área em questão, assim como: conhecer o processo de desenvolvimento infantil; investigar o contexto familiar dos pequenos. Possibilitando dessa forma uma prática pedagógica que contemple a articulação de seus familiares com o espaço pedagógico. Logo se torna extremamente propício para desenvolver atividades que possibilitem às crianças o trabalho em grupo, e assim amenizar características do seu egocentrismo, ainda muito presente no comportamento nesta faixa etária.

2.5 CONTRIBUIÇÕES DO JOGO DE FAZ DE CONTA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

O jogo simbólico, também chamado de “faz-de-conta” ou brincadeira imaginativa, caracteriza-se por ser uma atividade lúdica em que a criança recria situações vividas no mundo real, estimulando e sendo alimentada pela fantasia.

Algumas definições encontradas para a palavra “jogo” nos dicionários da Língua portuguesa são as seguintes: passatempo, distração.

Huizinga, sociólogo que versa sobre o tema, caracteriza o ser humano como o homem que brinca, criando assim o termo *Homo Ludens*, tamanha a importância da ludicidade na constituição do homem.

Entretanto, isto não significa dizer que desconsidera o *Homo Sapiens*, que viria a ser o homem sábio, aquele que raciocina e o *Homo Faber*, o homem que fabrica expressões que caracterizam nossa diferenciação dos animais. Para o referido teórico, o adjetivo *sapiens* e *faber* que acompanham a humanidade em sua história devem ter agregada o adjetivo *ludens*. Porque na guerra, nas Artes, na poesia, na política, na infância e na vida adulta a capacidade de brincar, de imaginar, de fantasiar convive e alimenta a sapiência e a exploração do meio que nos cerca.

Segundo Huizinga (1973, p. 3) “o jogo é mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana”. Se o homem é composto também pela ludicidade, pela imaginação, pela capacidade de ir além, a criança então, respira imaginação, porque sua vivência é a busca para compreender e apreender o mundo. A forma que encontra para fazer isto é a brincadeira, como se fosse uma necessidade básica para seu desenvolvimento.

Leny Mrech (2005) “aponta que através da brincadeira, a criança reflete o que ela vive e o que sente tanto suas angústias quanto suas alegrias e sonhos”. Neste sentido, o brincar desenvolve nas crianças a imaginação, principalmente no jogo simbólico, pois a criança fica livre para soltar a imaginação e ser o ela quiser. Neste momento ela pode ser super-herói, o lápis virar avião e assim viajar pelo mundo da imaginação. Pode ter a segurança de experimentar tudo, mas é um faz-de-conta. “Quando a criança brinca, assimila o mundo a sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui” (PIAGET,1971 apud BOMTEMPO, p. 59).

A transformação dos objetos em componentes do mundo fantástico da criança é definida por Dias (2005, p.47) como uma metáfora. Conforme observa a autora “o pensamento metafórico por sua própria constituição é formado por uma rede de relações simbólicas apropriadas culturalmente, mas elaboradas e recriadas pelo sujeito a partir de condições internas próprias”. Ou seja, a criança cria situações imaginárias de acordo com o meio social em que está inserida, demonstram e traz consigo momentos vividos em seu cotidiano.

Na verdade, a imaginação, mesmo sendo uma atividade cognitiva do sujeito, reflete o contexto cultural no qual a criança está inserida. Neste sentido, Dias aponta que “a cultura vai influenciar a visão de cada um, orientando o fazer e o imaginar individual e interferindo na própria educação da sensibilidade, ampliando ou congelando suas possibilidades” (p. 53).

Apesar do brincar simbólico acontecer, muitas das vezes, de forma espontânea e livre, o adulto tem um papel de fundamental importância, pois ele deve criar situações para que a brincadeira aconteça, garantindo estímulos, para que possam desenvolver habilidades.

Favorecer a atividade com as crianças que envolvam a socialização com as outras sugere, através do jogo de faz de conta que a criança livre-se do

egocentrismo característico deste estágio, de acordo com as análises teóricas piagetianas.

A coordenação dos pontos de vista influi sobre a estrutura dos conceitos, livrando a criança de seu egocentrismo simbólico para levá-la a uma socialização de pensamento. (PIAGET, 1978, p.327).

O brincar é importante enquanto atividade lúdica e motora, entretanto é necessário enfatizar que o jogo de faz de conta, especificadamente, contribui para a formação do pensamento e da socialização, pois é através de tal jogo que a criança pode criar e recriar situações fantasiosas. Marina Dias mostra que uma dos aspectos centrais do desenvolvimento nos primeiros anos de vida é a construção dos sistemas de representação, sendo papel-chave neste processo a capacidade de "jogar com o que é real, ou seja, o que existe efetivamente. É com isso que podemos dizer que o jogo simbólico constitui a origem da metáfora" (2005, p. 20).

Segundo Arbid e Hesse (apud DIAS) o pensamento é metafórico é não linear por natureza, sendo assim a realidade é construída pelo pensamento - a razão - mediado pelo símbolo.

De acordo com SMITH (2006, p. 27), "as crianças ficam livres para experimentar novas idéias no brincar e possa se expressar a sua própria maneira, especialmente no jogo simbólico e no brincar de faz-de-conta, em que podem inventar papéis e criar uma história, guiadas livremente pela própria imaginação". Ou seja, é brincando que a criança externa o que vai de mais profundo dentro de si, revelando fantasias e conflitos interiores.

2.6 O JOGO SIMBÓLICO E A CRIANÇA DE 2 A 5 ANOS.

A criança é um ser humano no início do seu desenvolvimento, os primeiros anos de vida são de suma importância para a formação do ser humano.

É no brincar que a criança consegue vivenciar e atingir a diversão, sensações e emoções, que até então podem ser desconhecidas a elas, a brincadeira traz benefícios sociais para a atividade humana, pois é a partir de tais brincadeiras que a criança aprende.

Jean Piaget, produziu uma das mais importantes teorias sobre o desenvolvimento humano, este autor divide a teoria em 4 períodos no processo evolutivo da espécie humana. São eles:

- 1º Período: Sensório-Motor (0 a 2 anos).
- 2º Período: Pré- Operatório (2 a 7 anos).
- 3º Período: Operações Concretas (7 a 11 ou 12 anos).
- 4º Período: Operações Formais (11 ou 12 anos em diante).

Segundo Piaget (apud, BOCK, p, 101) “Cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o individuo consegue fazer nessas faixas etárias”.

- 1º Período: Sensório-Motor (0 a 2 anos): Neste período a criança coordena os movimentos das mãos, olhos, pegar objetos, adquirindo assim uma habilidade de manipulação dos objetos, para assim adquirirem hábitos novos.. Ao longo deste período a criança começa a entender lentamente o mundo a sua volta.
- 2º Período: Pré-Operatório (2 a 7 anos): Neste período, brota o aparecimento da linguagem. É de 2 a 4 anos aproximadamente que a criança a criança transforma o real em fantasia, é o período do faz- de- conta, do jogo simbólico. O egocentrismo esta muito presente nesta fase.

Dito de outra forma, e essa fórmula resume todo o precedente, o jogo simbólico não é mais que o pensamento egocêntrico em estado puro. A condição necessária a objetividade do pensamento é que a assimilação do real ao sistema das noções adaptadas se encontre em equilíbrio permanente com a acomodação dessas mesmas noções as coisas e ao pensamento dos outros sujeitos. (PIAGET, 1978, p. 213).

Ainda de acordo com as concepções de Piaget, (1978, p,215).

A criança de dois a quatro anos não se pergunta se seus símbolos lúdicos são verdadeiros ou não. Ela sabe bem, num determinado sentido, que eles não são verdadeiros para os outros e não procura seriamente convencer o seu ambiente adulto.

- 3º Período: Operações Concretas (7 a 11 ou 12 anos): Neste período a criança já consegue distinguir a fantasia do real. Momento que se inicia a construção lógica através do desenvolvimento psicológico da criança e a compreensão de regras.
- 4º Período: Operações Formais (11 ou 12 anos em diante): Esse período caracteriza-se pela fase da adolescência, que é a passagem para o pensamento formal, abstrato.

Podemos dizer que, as brincadeiras ou jogos nem sempre acontecem cotidianamente, de forma planejada, ou quando ocorrem, acabam não sendo aproveitadas ou ampliadas para todo o grupo. Normalmente os jogos simbólicos ou de imaginação passam despercebido em sala de aula.

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. (VIGOTSKY, 2007, p. 101).

Como já visto, o jogo de faz de conta permite que a criança recrie seu mundo, por meio de metáforas e ressignificações de objetos, nem sempre claras e fáceis para que o adulto as compreenda e perceba, pois como a criança aprende a brincar muito cedo ela precisa muitas vezes de alguém que atue como mediador desta brincadeira.

O brincar é sem dúvida uma infração as disciplinas ou as tarefas que impõem a todo homem as necessidades praticas de sua existência, a preocupação com sua posição, com sua imagem. Mas longe de ser uma negação ou renuncia, ele as pressupõe. [...] Só a brincadeira se houver satisfação de subtrair momentaneamente o exercício de uma função as restrições ou limitações que sofre normalmente de atividades de certa forma mais responsáveis, ou seja, que ocupam um lugar mais eminente nas condutas de adaptação ao meio físico ou ao meio social. (WALLON, 2007, p. 57).

O ato simbólico nesta fase da criança é muito intenso , quando a capacidade de imaginação para imitar a vida adulta é uma forma de reproduzir

entender e internalizar esta vida, em um processo de socialização e de aprender a conviver no grupo social ao qual pertence.

O brincar é atividade dominante da infância. Brincar é, portanto direito da criança.

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos, e a ação surge das idéias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco, e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas idéias e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado. (VIGOTSKY, 2007, p.115)

Consideramos que uma criança que brinca de uma maneira ou de outra tenta entender o mundo adulto, enfrentar medos, internalizar regras sociais, desenvolver o raciocínio, a oralidade, ou seja, é uma atividade que esta cercada de plena aprendizagem e contribui para o desenvolvimento infantil.

É importante que os educadores tenham consciência de tal importância e planejem espaços e materiais para que esta brincadeira possa ser vivenciada na escola, e então, passe a ser considerada educativa. Além disso é possível pensarmos em atividades imaginativas que o adulto interfira, para além do preparo do ambiente e de materiais., para que sirva de objeto norteador no sentido de ampliar o repertório da criança, cabendo ao educador a tarefa de alimentar o imaginário infantil.

É com base nisso que Vigotsky, (2007, p. 97), faz uma menção muito relevante com relação ao papel do adulto no desenvolvimento das atividades infantis e que ele chama de (ZPD) – Zona de Desenvolvimento Proximal.

“A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário”. (Ibid. 2007, p. 98). Ou seja, nesta fase o adulto desempenha um papel em ajudar a criança a desempenhar certas atividades, que até então a mesma não conseguiria fazê-la sozinha.

Neste sentido, Vigotsky, também caracteriza outros dois níveis de desenvolvimento, que vem a ser o real e o potencial. O desenvolvimento real acontece quando a criança pode realizar atividades com certo nível de habilidade e sem ajuda. Já o nível de desenvolvimento potencial ocorre em um dado momento

em que a criança consegue realizar algum tipo de problema ou uma atividade que exija mais da criança, ou seja, uma capacidade mais ampliada, porém fazê-la com a ajuda de um adulto, para assim poder executar essa tarefa mais difícil. Tais idéias ajudam na hora de desenvolver o currículo a ser trabalhado na sala de aula.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Em relação ao referencial metodológico, pode-se considerá-lo como sendo uma pesquisa bibliográfica, que compreende pesquisar em livros, dissertações, teses, e artigos de revistas especializadas e documentais a cerca de uma determinada temática.

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 185):

A pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, até meios de comunicação orais, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

No que se refere aos procedimentos utilizou-se do levantamento da literatura a ser estudada, com o objetivo em coletar informações para a obtenção de informações necessárias e conhecimentos prévios a cerca do tema pesquisado.

Um passo importante nessa pesquisa é buscar sempre a autenticidade dos documentos a serem estudados e verificar diferentes opiniões entre diversos autores a respeito do tema abordado e assim sistematizar o trabalho e canalizar seus esforços. Para Gil, (2008, p.50), a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Tais procedimentos adotados são necessários, pois servem como subsidio para organizar o material coletado. A metodologia que foi utilizada nessa pesquisa teve uma importante relevância na trajetória percorrida com base no referencial metodológico. Assim, de concordo com Carvalho (1989, p.100), ao dizer que:

A pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de um determinado tema.

A Educação infantil foi escolhida como alvo de estudo, e através deste analisar o valor dos jogos simbólicos como instrumento para a construção do conhecimento realizado pela própria criança, dando um enfoque na questão educacional, na contribuição de aprendizagens da criança.

Como aponta Vigotsky, (2007, p. 87):

O aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvida ativamente no desenvolvimento. Ele simplesmente se utilizaria dos avanços do desenvolvimento em vez de fornecer um impulso para modificar seu curso.

Neste sentido a metodologia utilizada deu o alicerce necessário para subsidiar a fundamentação teórica. Portanto, o objetivo norteador dessa pesquisa, foi compreender o valor dos jogos simbólicos na educação infantil, como instrumento necessário para o desenvolvimento da criança em seus diferentes aspectos: social , afetivo, cultural, psicológico, motor, físico e intelectual.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou uma compreensão mais aprofundada das brincadeiras em especial a do faz de conta, ou brincadeira imaginativa.

Tais reflexões confirmam que o ambiente e a mediação do educador são fortes aliados no processo de desenvolvimento do imaginário infantil, a cerca de garantirmos o brincar na sala de aula.

De acordo com Vigotsky, (2007, p. 109):

Assim, ao estabelecer critérios para distinguir o brincar da criança de outras formas de atividade, concluímos que no brinquedo a criança cria uma situação imaginária. Esta não é uma idéia nova, na medida em que situações imaginárias no brinquedo sempre foram reconhecidas; no entanto, sempre foram vistas somente como um

tipo de brincadeira. A situação imaginária não era considerada como uma característica definidora do brinquedo em geral, mas era tratada como um atributo de subcategorias específicas do brinquedo.

O brincar proporciona a criança uma autonomia cidadã, capaz de realizar ações e incumbir à criança um fator intrínseco na sociedade.

Enquanto brinca a criança pode criar, recriar e organizar seu mundo, seguindo seus princípios. É através do ato simbólico nesta faixa etária entre 2 a 5 anos, que a capacidade de imaginação para imitar a vida adulta esta mais aflorada e assim a criança pode reproduzir, entender e internalizar esta vida, em um processo de socialização aprendendo a conviver no grupo social ao qual pertença.

Pensando que educar e cuidar são objetivos entrelaçados que permeiam o cotidiano de uma creche, quando as crianças pequenas requerem também muitos cuidados, o brincar pode costurar este processo, porque cada gesto praticado, mesmo as atitudes mais corriqueiras e simples como dar um banho, cantar uma música, ou no momento da alimentação, pode ser explorado pela fantasia.

Retomo aqui a importância de o professor oferecer espaços, tempos, materiais, brinquedos e sugestões de brincadeiras, para que as crianças exerçam seus direitos de brincar.

Assim, concordo com Vigotsky, (2007, p.109), quando diz: “O velho adágio de que o brincar da criança é imaginação em ação deve ser invertido; podemos dizer que a imaginação, nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação”. Contudo, esta pesquisa demonstrou a importância dos jogos imaginativos, tendo em vista, que essa pratica em sala de aula é uma ferramenta que possibilita mais interação e troca de saberes.

A aprendizagem que se adquire com o uso dos jogos, desperta na criança sua autonomia possibilitando uma participação mais efetiva no seu próprio desenvolvimento. .

Um dos motivos para a realização deste estudo foi comprovar que a utilização dos jogos e brincadeiras de faz- de- conta em sala de aula deixam uma contribuição significativa na formação de atitude social da criança.

Desta maneira, é importante que a ação do educador como mediador, propicie e estimule brincadeiras, em ambientes que estimulem o imaginário infantil.

A ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação. (Ibid. 2007, p.114)

Como foi posto no decorrer do referido artigo, a Educação infantil deve assegurar o direito das crianças a brincar, são por meio destas brincadeiras que a criança desenvolve sua independência, habilidades motoras, trazendo assim para a criança uma maturação no sentido mental, psicológico e social.

É neste sentido, que defendemos nesta pesquisa que é interessante que o educador desenvolva um currículo que privilegie ações e atividades facilitadoras da aprendizagem, trabalhando sempre a ludicidade em atividades que dêem prazer aos educandos.

O aprendizado torna-se significativo a partir do momento em que o aluno também esteja engajado na construção de uma proposta de trabalho juntamente com o professor, ou seja, que ele possa opinar colocando suas dúvidas e inquietações.

5- REFERÊNCIAS

ABNT. **Associação Brasileira de Normas Técnicas**: Rio de Janeiro, 2000. 7p.

BERNARDES, Elizabeth Gomes. **Jogos e brincadeiras tradicionais**. In: um passeio pela história, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**, 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Parâmetros de Qualidade para a Educação infantil**: Ministério da educação, Brasília, DF, 2006.v.1.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Estratégias e orientações para crianças com necessidades educacionais especiais:** Ministério da educação. Brasília: MEC, 2000. 53p.

_____. **RESOLUÇÃO Nº 4.** Diário oficial da união, Brasília, 2010, secção 1. 824p.
CARVALHO, M^a C.M. **Metodologia científica:** fundamentos e técnicas. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Metódos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Nigel. **O brincar, o letramento e o papel do professor.** Porto Alegre: Artemed, 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento cultural.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação.** São Paulo, Cortez, 2005.

KUHLMANN Jr, Moysés. **História da educação infantil.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2000. p. 14.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 3ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Fundamentos da metodologia científica.** 7^a ed. São Paulo: Atlas, 2000.

OLIVEIRA, Martha Kohl de Vigotsky: **aprendizado e desenvolvimento:** um processo sócio histórico. 4^a ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** 3^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **A construção do real na criança**. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, Brasília, 1975.

PRANDO, Gerson. Mathias, José Augusto Cintra. **Diretrizes para um Artigo**. Disponível em <http://professores.unisanta.br/gprando/docs/pos/Artigo%20-%20STA%20-%20Diretrizes.pdf>. Acesso em 02/05/2011.

RODRIGUES, A. J. **Metodologia Científica**. São Paulo: avercamp, 2006.

SILVA, Edna Lucia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**, 3 ed. rev. Atual, Florianópolis: laboratório de ensino a distancia da UFSC, 2011, 121p.

SCARPA, Ester Miriam. **O jogo a construção e o erro**. In: Considerações sobre o desenvolvimento da linguagem na criança pré-escolar, UNICAMP, 1985. 54-64p.

SMITH, P. **O brincar e os usos do brincar**. Porto Alegre: Artemed, 2006.

VOGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARCE, A. **Lina, uma criança exemplar!** Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins de infância.

Disponível em:

http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_10_ALESSANDRA_ARCE.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2011.